



---

## **A mentira e o humor no discurso político brasileiro\***

Diana Luz Pessoa de Barros\*\*

---

**Resumo:** Neste artigo, nossa proposta é a de aproximar discursos mentirosos, poéticos e humorísticos para tratar, no quadro dos estudos semióticos sobre a veridicção, dos dois tipos de estratégias discursivas mais usadas atualmente nos discursos políticos brasileiros. São elas as estratégias dos discursos mentirosos e os procedimentos de humor e poeticidade de charges, memes e outros, divulgados, nos dois casos, sobretudo, nas redes sociais. Cada um dos tipos de estratégia é usado preferencialmente pelos adeptos de posições políticas diferentes. A extrema direita no Brasil emprega nas redes sociais, com mais frequência, os discursos baseados na mentira, enquanto a esquerda brasileira tem preferido os recursos do humor e do poético.

**Palavras-Chave:** semiótica discursiva; veridicção; discurso mentiroso; discurso poético e humorístico; discurso político.

---

---

\* DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.1980-4016.esse.2021.182077> .

\*\* Professora Titular e Emérita da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP) e do Centro de Comunicação e Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM), São Paulo, SP, Brasil. Bolsista produtividade (Pesquisador 1A) do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). E-mail: [dianaluz@usp.br](mailto:dianaluz@usp.br) ; [dianaluz@mackenzie.br](mailto:dianaluz@mackenzie.br) . ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5182-6767> .

## Introdução

**E**m estudos diversos, no quadro das pesquisas que vimos desenvolvendo sobre os discursos preconceituosos e intolerantes, tratamos da verdade e da mentira dos discursos, dando continuidade a trabalhos sobre a relação entre linguagem, discurso e sociedade. Essas pesquisas estão assentadas, do ponto de vista teórico e metodológico, na semiótica de perspectiva francesa.

Organizamos o artigo em duas partes: a primeira, com uma rápida síntese de nossos estudos anteriores sobre os discursos mentirosos; a segunda, com o exame comparativo dos discursos mentirosos, poéticos e humorísticos e o papel deles no discurso político brasileiro.

### 1. Síntese de nossos estudos anteriores sobre os discursos mentirosos

Há vários tipos de discursos mentirosos. Estamos examinando três deles: as fake news, as falsas revisões do passado, da História e da ciência e a simulação de sincretismo actorial, em que um ator finge ocupar vários papéis actanciais. Trataremos, neste artigo, somente das características gerais e comuns aos três tipos de discursos mentirosos.

Retomaremos seis dos pontos já por nós desenvolvidos (Barros, 2019; 2020) sobre os discursos mentirosos em geral, aqueles que mais interessam à questão de que tratamos neste artigo, a da mentira e do humor no discurso político brasileiro. São eles:

- a) A proposta teórica para examinar os discursos mentirosos é a da veridicção e tudo indica, devido aos estudos já realizados, que esse deve ser mesmo o ponto de partida: o destinador do discurso, em seu projeto enunciativo, escolhe um regime de veridicção e procura fazer seu destinatário interpretar o discurso segundo o contrato veridictório proposto e nele acreditar ou não. O destinatário, por sua vez, interpreta o discurso a partir de seus conhecimentos, crenças e emoções e da capacidade de persuasão do destinador. Quando a interpretação se baseia, sobretudo ou apenas, nas crenças e emoções do destinatário interpretante, os discursos mentirosos são entendidos como verdadeiros.
- b) A manipulação nos discursos mentirosos visa a ganhar a confiança do destinatário e, sobretudo, a promover o ajustamento emocional e sensorial entre destinador e destinatário.
- c) Podemos desmascarar os discursos mentirosos a partir do exame de seus próprios textos e equilibrar, assim, a interpretação sensorial e emocional proposta pelo destinador desses discursos com uma interpretação mais “racional”, fundamentada no exame da “exterioridade” discursiva, tal como

a semiótica a concebe, ou seja, pelo exame das relações sócio-históricas de duas formas principais: (i) a da análise da organização linguístico-discursiva, sobretudo dos percursos temáticos e figurativos; (ii) a do exame das relações intertextuais e interdiscursivas que os textos e os discursos mantêm com aqueles com que dialogam.

- d) Há, assim, dois grupos de procedimentos próprios dos textos mentirosos: (i) “anomalias” na organização do discurso e do texto e, também, nos diálogos com outros textos e discursos; (ii) essas contradições, incoerências, rupturas, estranhamentos, ao romperem com a continuidade e estabilidade do texto e do discurso, dão-lhes maior intensidade e facilitam a aproximação sensorial e emocional com o destinatário, para que ele acredite na mentira assim elaborada, e ocorrem tanto no plano do conteúdo quanto no da expressão, envolvendo diferentes níveis de análise dos textos e discursos.
- e) Esses “rasgos na normalidade” produzem efeitos de tonicidade nos textos e criam laços emocionais e sensoriais entre os sujeitos envolvidos nos discursos mentirosos. Mostram, assim, uma das razões principais que levam multidões a neles acreditar, interpretando como verdadeiros discursos mentirosos. Renata Mancini (2020), em estudo sobre a tradução e a adaptação intersemiótica, com base na Semiótica discursiva, mais especificamente na abordagem tensiva de Claude Zilberberg (2004; 2007; 2011), afirma que “o que se traduz é o projeto enunciativo, esse ‘espírito’ da obra de partida que molda suas características mais marcantes” (Mancini, 2020, p. 3), e completa dizendo que “dele faz parte o que denominamos arco tensivo, um perfil sensível da obra, passível de ser modulado a partir do conjunto de estratégias de textualização de que o enunciador se vale, com suas cifras tensivas subjacentes” (Idem, *ibid.*). As estratégias de textualização, como, por exemplo, a exacerbação de elementos passionais, o jogo de imprevistos, a apresentação súbita, o andamento acelerado constroem, para a autora, os “acentos” dos textos e discursos, e causam susto, estranhamento, surpresa e comoção no leitor (Mancini, 2020, p. 10-13). Esse modo de conceber os discursos mentirosos permite aproximá-los dos discursos poéticos e humorísticos, como veremos na segunda parte deste artigo.
- f) Os discursos mentirosos são discursos intolerantes. As paixões do medo e do ódio que caracterizam os discursos intolerantes são também as que aparecem na maior parte das fake news, por exemplo. Além disso, os discursos mentirosos são, igualmente, discursos de desqualificação de sujeitos ou de grupos sociais que não cumpriram os acordos ou contratos sociais: os maus cidadãos, os preguiçosos ou vagabundos, que querem o

isolamento para não trabalhar, os que são de esquerda e, portanto, antipatrióticos, os fracos, os inimigos, os oponentes.

## 2. Discursos mentirosos, poéticos e humorísticos na política no Brasil

Nossa proposta neste estudo é, como dissemos, aproximar discursos mentirosos, poéticos e humorísticos para tratar, no quadro dos estudos da veridicção, dos dois tipos de estratégias discursivas mais usadas atualmente nos discursos políticos brasileiros. São elas as estratégias dos discursos mentirosos divulgados, sobretudo, nas redes sociais, de que fizemos essa rápida síntese, e as estratégias de humor e poeticidade de charges, memes e outros. Cada um dos tipos de estratégia é usado preferencialmente pelos adeptos de posições políticas diferentes. A extrema direita no Brasil emprega nas redes sociais, com mais frequência, os discursos baseados na mentira, enquanto a esquerda brasileira tem preferido os recursos do humor.

La Fontaine, na fábula *Le dépositaire infidèle* (1962), diz que, segundo os sábios, há duas formas diferentes de mentir: uma que caracteriza o “verdadeiro mentiroso”, qualificado por ele de “méchant” e “sot”; outra que aparece, no seu texto, como o fazer de Esopo e de Homero (“Sous les habits du mensonge, nous offre la vérité”). A primeira é a mentira das *fake news*, das falsas revisões do passado ou da ilusão de sincretismo actorial; a segunda o “mentir” dos fabulistas, poetas, artistas e humoristas.

Os dois tipos de discurso têm em comum o fato de buscarem, com estratégias que produzem estranhamento e tonicidade nos textos, a adesão emocional e sensorial do destinatário. Há, porém, diferenças marcantes entre os contratos enunciativos, em sua faceta veridictória, principalmente, nesses discursos. Vamos observar, muito rapidamente, as semelhanças e as diferenças entre os dois tipos de discurso.

Tudo indica que os discursos poéticos em sentido amplo (poesia ou prosa, verbal, visual ou musical) e os humorísticos usam estratégias da mesma ordem das que encontramos nos discursos mentirosos em geral ou das que Mancini propõe para tratar da tradução e da adaptação. Rupturas e estranhamentos de diferentes tipos dão também intensidade tônica aos discursos poéticos e aos humorísticos e neles criam efeitos de sensorialidade e figuratividade estéticas e/ou que fazem rir. Retomamos, uma vez mais, resumidamente, a análise que fizemos (Barros, 2004; 2020) da primeira estrofe do poema “Agulhas”, de João Cabral de Melo Neto (1975, p. 22), em estudo sobre a figurativização:

Nas praias do Nordeste, tudo padece  
com a ponta de finíssimas agulhas:  
primeiro, com a das agulhas da luz  
(ácidas para os olhos e a carne nua),  
fundidas nesse metal azulado e duro  
do céu dali, fundido em duralumínio  
e amoladas na pedra de um mar duro,  
de brilho peixe também duro, de zinco.  
Depois, com a ponta das agulhas do ar,  
vaporizadas no alíseo do mar cítrico,  
desinfetante, fumigando agulhas tais  
que lavam a areia do lixo e do vivo.

(Melo Neto, 1975, p. 22)

O poema desenvolve, entre outros, o tema da vida sofrida, difícil, de luta do homem do Nordeste brasileiro, que enfrenta a seca, o sol, o calor, a falta de alimento, assunto frequente em João Cabral. Repetem-se, dessa forma, os traços semânticos de sofrimento (“padece”, “ácidas para os olhos”, “carne nua”, “amoladas”, “fumigando”, “desinfetante”, “lavam do vivo” etc.) e de dificuldades (“metal duro do céu”, “mar duro”, “peixe duro”, “mar cítrico” etc.). Esse percurso temático amarra, com as repetições, o texto todo e é recoberto por um percurso figurativo, o da praia, mar, sol, peixe, vento, areia, que faz uso de diferentes ordens sensoriais (tátil, visual e gustativa) em sinestesia. O sofrimento e as dificuldades são, portanto, figurativizados por traços semânticos sensoriais do mar, do sol, da areia e da praia: táteis (pontiagudo, fino, que fura); gustativos (ácido, que queima, que pica); visuais (brilhante, ofuscante, que fere a vista).

Assim concretizados sensorialmente, o sofrimento, a dor e as dificuldades do nordestino ganham “corpo” e levam ao estabelecimento de relações também sensoriais entre o enunciador e o enunciatário. Ligam-se a eles tátil, gustativa e visualmente, pois, além de entenderem as dificuldades, sentem as dores do homem do Nordeste. As figuras com formas pontiagudas, acidez e ofuscamento investem comumente, em muitos textos, os temas da dor e do sofrimento do homem, mas não é usual que esses traços figurativos componham as figuras de praia, mar e areia do Nordeste brasileiro. Há, portanto, alguma coisa na relação entre figuras, traços figurativos e temas no poema que rompe com a normalidade, que aparece como uma anomalia. Quebra-se a leitura do senso-comum de belas, gostosas e aconchegantes praias e instala-se a da dor, a do sofrimento humano, devido à incongruência da relação entre a figura da praia e os traços figurativos pontiagudos, ácidos e ofuscantes. A relação inusitada entre tema, figura e traço figurativo cria o efeito da novidade, da criatividade, da anomalia, e dá prazer estético ao destinatário do texto.

Os discursos mentirosos e os poéticos têm, assim, em comum o fato de usarem recursos discursivos e textuais tanto do plano do conteúdo quanto do da

expressão para produzir efeitos de surpresa e estranhamento no destinatário e estabelecer, entre destinador e destinatário, adesão emocional e sensorial. Estamos convencidas de que as anomalias dos discursos e textos mentirosos também dão prazer a seu destinatário, pois, graças a elas, ele se engaja emocionalmente e de modo sensorial com o destinador e vê, com a mentira em que acredita, a confirmação de seus valores e sentimentos.

Monteiro Lobato, em *A chave do tamanho* (1947, p. 5), põe na boca da Emília um bom comentário sobre a aproximação entre a mentira e o discurso poético e sobre as anomalias do discurso poético e do mentiroso:

– Estou vendo que tudo que gente grande diz são modos de dizer, continuou a pestinha. Isto é, são *pequenas mentiras* – e depois vivem dizendo às crianças que não mintam! Ah! Ah! Ah!... Os tais poetas, por exemplo. Que é que fazem senão mentir? Ontem à noite a senhora nos leu aquela poesia de Castro Alves que termina assim:

*Andrada! Arranca esse pendão dos ares!*

*Colombo! Fecha a porta de teus mares!*

Tudo mentira. Como é que esse poeta manda o Andrada, que já morreu, arrancar uma bandeira dos ares, quando não há nenhuma bandeira nos ares e, ainda que houvesse, bandeira não é dente que se arranque? Bandeira desce-se do pau pela cordinha. E como é que esse poeta, um soldado raso, se atreve a dar ordens a Colombo, um almirante? E como é que manda Colombo fechar a “porta” dos “teus” mares, se o mar não tem porta e Colombo nunca teve mares – quem tem mares é a Terra?

Dona Benta suspirou.

– Modos de dizer, Emília. Sem esses modos de dizer, aos quais chamamos “imagens poéticas”, Castro Alves não podia fazer versos.

(Lobato, 1947, p. 5)

Passemos agora ao exame das diferenças entre os discursos mentirosos e os poéticos e humorísticos. Duas questões serão examinadas.

Em primeiro lugar, nos discursos mentirosos, a aproximação buscada entre o destinador e o destinatário da comunicação, segundo o contrato enunciativo é, como apontamos, apenas emocional e sensorial, enquanto nos discursos poéticos e humorísticos procura-se obter relação emocional e sensorial (estética), mas também estabelecer laços racionais, de conhecimento e crítica. Ou seja, conforme propõe o fabulista, os textos de humor e os poéticos, além de criarem laços emocionais e sensoriais com seu destinatário fazendo-o rir e proporcionando-lhe prazer estético, dão-lhe também saber. No poema de Cabral, por exemplo, um novo saber sobre o Nordeste brasileiro é mostrado.

A segunda diferença diz respeito ao contrato propriamente veridictório. Nos discursos mentirosos de quaisquer tipos, o destinador propõe, com as estratégias de anomalias observadas e a adesão emocional e sensorial assim obtida, levar o destinatário a interpretar discursos mentirosos como verdadeiros, ou seja, que parecem e são, e a neles acreditar. Já nos discursos poéticos e humorísticos, o contrato veridictório é outro: estratégias são usadas para que o destinatário interprete o texto como não parecendo verdadeiro – é uma “ficção” ou uma “piada” –, mas sendo verdadeiro. É o segredo, portanto, ou seja, aquilo que não parece, mas é verdadeiro. O segredo instala-se no regime concessivo – embora não pareça, no entanto é verdadeiro.

O discurso humorístico e o poético são entendidos como “segredos” graças, por um lado, às anomalias, ou seja, aos recursos retóricos usados, que favorecem a adesão emocional e sensorial e levam à interpretação de que esses discursos parecem piadas ou ficções e, portanto, não parecem verdadeiros, e, por outro lado, aos procedimentos de interdiscursividade e intertextualidade que permitem que eles sejam lidos como “embora não parecendo verdadeiros, são verdadeiros” e fazem o destinatário crer e saber. Quanto às relações interdiscursivas e intertextuais, há, portanto, também diferenças entre os discursos humorísticos e poéticos e os mentirosos: nos discursos mentirosos, os diálogos propostos nos textos parecem verdadeiros, mas podem ser desmascarados como não sendo verdadeiros, explicitando assim seu caráter mentiroso. Na *fake news* em que um “químico autodidata” diz, em vídeo, que o álcool gel não mata o coronavírus e ainda favorece a doença, há uma relação mostrada com os discursos da Química (para mais detalhes, ver: Barros, 2019). Quando essa *fake news* é realmente confrontada com os discursos da Química, o vídeo sobre o álcool gel revela-se mentiroso, ou seja, parecia, mas não era verdadeiro. Nos discursos humorísticos, ao contrário, os diálogos com outros textos ou discursos confirmam a verdade daquilo que o enunciador do texto propõe, revelando o segredo. Nas charges, por exemplo, a relação intertextual ou interdiscursiva é mostrada, tal como ocorre nos editoriais, por exemplo. São ambos “textos de opinião”, aparecem, em geral, juntos nos jornais, e se apresentam como discursos de sanção, sobretudo negativa, a discursos anteriores, com que dialogam, portanto. Com esses discursos anteriores, os discursos humorísticos confirmam a “verdade”, que não parecia (era uma piada), mas era.

Vejamos esses procedimentos, muito rapidamente, em quatro charges, de 2019.

a) Charge de 17 de agosto de 2019 - Alexandra Moraes/Folhapress:

Figura 1: Charge de 17 de agosto de 2019.



Fonte: Alexandra Moraes/Folhapress.

Nesta charge, o Presidente é representado por um pintinho grande ou um frango ou uma galinha, vestido de verde e amarelo. Ora, o contrato não é, portanto, para que se interprete o texto como verdadeiro, pois o Presidente não é, segundo os conhecimentos e crenças usados na interpretação, um pintinho ou uma galinha. Daí a interpretação, em um primeiro momento, como “não parecer verdadeiro”, como uma ficção. O riso é provocado pelo estranhamento causado pelas figuras de retórica da prosopopeia ou da personificação em que se usa um animal pelo homem e pelas do excesso, como na caricatura, que, segundo diz Fiorin (2014; 2015), estão fundamentadas, no exagero de um ponto de vista. Essas anomalias ou impropriedades semânticas que fazem rir produzem, tal como nos discursos mentirosos, aproximação emocional e sensorial, causam adesão afetiva. O diálogo com textos também de agosto de 2019 em que Bolsonaro disse que o governo iria “abortar” obras audiovisuais com temática LGBTQ+, que levou o então ministro da Cidadania, Osmar Terra, a cancelar edital da Ancine (Agência Nacional do Cinema), revela a verdade da crítica feita na charge.

b) Charge de 31 de outubro de 2019- Benett/Folhapress:



Figura 2: Charge de 31 de outubro de 2019.



Fonte: Benett/Folhapress.

A charge das hienas usa, de novo, o recurso retórico da personificação dos animais para criar o imprevisível e o estranhamento que levam à adesão emocional e, ao mesmo tempo, ao parecer não verdadeiro (animais que falam). A intertextualidade está claramente mostrada, pois as falas das hienas dão continuidade a uma conversa: “Ah, nós não iríamos comê-lo”; “Só estávamos dando risada mesmo”. Elas dialogam com uma publicação em rede social do presidente Jair Bolsonaro na qual ele se compara a um leão acossado por hienas e apontam o ridículo dessa publicação. A intertextualidade revela o segredo da charge que, embora não pareça, é verdadeira, e produz conhecimento sobre o Presidente.

c) Charge de 14 de fevereiro de 2019 - Benett/Folhapress:

Figura 3: Charge de 14 de fevereiro de 2019.



Fonte: Benett/Folhapress.

O terceiro exemplo reforça o emprego do argumento do excesso para causar susto, estranhamento, e fazer rir. As figuras do excesso são usadas nas charges, sobretudo, com o recurso da caricatura, que é hiperbólico. A caricatura produz efeitos de sentido de desproporção e anormalidade e imobiliza a gestualidade atributiva, uma das formas de comunicação gestual proposta por Greimas (1975), usada para a comunicação de emoções e sentimentos. Na caricatura “Pauta de costumes”, o recurso é bastante empregado: narizes grandes, aduncos, pontudos ou arredondados, olhos para baixo, boca sobretudo reta, nenhuma boca “para cima”, a do riso, produzindo o efeito de anormalidade valorizada negativamente (preocupação, tensão). A charge dialoga com o texto do enquadramento, pelo STF, da homofobia como crime de racismo e, principalmente, com o pedido da bancada evangélica, em audiência com um ministro do Supremo, de que o tema fosse retirado da pauta.

d) Charge de 8 de setembro de 2019 - Jean Galvão/Folhapress:

Figura 4: Charge de 8 de setembro de 2019.



Fonte: Jean Galvão/Folhapress.

Neste último exemplo, o recurso à caricatura, tal como na charge anterior (nariz e queixo de ponta, boca para baixo, orelha grande e olhos mortiços em Crivella, que produzem efeitos de obsessão e rigidez, em contraposição ao caráter bonachão dos carregadores de grandes narizes arredondados), e o jogo verbal da troca surpreendente e inadequada de “bi” por “hétero”, no anúncio da Bienal do Livro fazem, por seu absurdo, o texto parecer mentiroso e provocam o riso. Ao mesmo tempo, porém, a charge dialoga com o texto de censura em que Marcelo Crivella, então prefeito do Rio de Janeiro, mandou recolher na Bienal do Livro do Rio de Janeiro gibis que traziam dois rapazes se beijando, para “proteger os menores”, assim como com dezenas de memes e figurinha do beijo gay da HQ censurada. O absurdo da charge passa então a ser interpretado como verdadeiro.

## Conclusão

Vamos concluir com trechos do texto “Os dias em que rimos de nervoso”, de Claudia Tajés (Folha de S. Paulo, 14/11/2019):

Foi um ano para rir de teimoso. Para rir de nervoso. Para perder a vontade de rir.

No início pareceu que seria engraçado, aquela mistura de arminha com Jesus na goiabeira e três pimpolhos na carona do papai - um deles literalmente grudado no Rolls-Royce da posse. A impressão era a de que os chargistas iam se lavar, as piadas viriam fartas como os disparates dos olavistas.

Pois sim. A graça se foi junto com direitos, leis, incentivos. Com as grosserias, as ameaças, as retaliações, as vinganças e as suspeitas. Só que eles não contavam com a nossa astúcia. Brasileiro da gema não desiste nunca. E assim, no apagar das luzes, ainda dá para rir de algumas cenas. Sempre com uma lágrima inconveniente querendo cair.

Um presidente dizendo “I love you” para o outro. Talvez um “Nice to see you again” fosse mais adequado, mas existe algo adequado nesses dias? [...] Vídeos no YouTube para matar o Porta dos Fundos de inveja. Terra plana, rosa e azul, nióbio, ofensas, comunismo, satanismo, aborto, Beatles [...].

A primeira reação é dar uma gargalhada, mandar pelo WhatsApp, compartilhar no Facebook, essas coisas que se faz quando a piada é boa. Mas aí a gente se dá conta de que não é uma piada. Muito menos boa. A ficha cai e, junto com ela, uma lágrima.

Para não comprar briga de novo com os parentes de sempre, melhor dizer que fim de ano é assim mesmo. Os mais sensíveis ficam muito emotivos. (Tajés, 2019)

O texto e as lágrimas são de dezembro de 2019. Em dezembro de 2020 e início de 2021, o riso nervoso provocado pelas charges e outros discursos humorísticos é sempre seguido de choro, de desespero e de vergonha, tal como no texto de Castro Alves mencionado pela Emília. ●

---

## Referências

BARROS, Diana Luz Pessoa de. Algumas reflexões sobre o papel dos estudos linguísticos e discursivos no ensino aprendizagem na escola. *Estudos Semióticos*, v. 15, n. 2. São Paulo, USP, 2019. p. 1-14. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/esse/article/view/165324>. Acesso em: 07 dez. 2020.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. As *fake news* e as anomalias. *Verbum. Cadernos de Pós-Graduação*, v. 9, n. 2. São Paulo: PUC-SP, 2020. p. 26-41. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/verbum/article/view/50523>. Acesso em: 07 dez. 2020.

- BARROS, Diana Luz Pessoa de. Figuratização e publicidade. *ALFA: Revista de Linguística*, v. 48. 2004. p. 11-31. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/4294> . Acesso em: 07 dez. 2020.
- BARROS, Diana Luz Pessoa de. Uma reflexão semiótica sobre a “exterioridade” discursiva. *ALFA: Revista de Linguística*, v. 53, n. 2. 2009. p. 351-364. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/2120> . Acesso em: 07 dez. 2020.
- FIORIN, José Luiz. *Argumentação*. São Paulo: Contexto, 2015.
- FIORIN, José Luiz. *Figuras de retórica*. São Paulo: Contexto, 2014.
- GREIMAS, Algirdas Julien. *Sobre o sentido*: ensaios semióticos. Petrópolis: Vozes, 1975 [original francês de 1970].
- LA FONTAINE. *Fables choisies*. Paris: Garnier-Frères, 1962. p. 243-245.
- LOBATO, Monteiro. *A chave do tamanho*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1947. p. 5.
- MANCINI, Renata. A tradução enquanto processo. *Revista Cadernos de Tradução*, Florianópolis, v. 41. Santa Catarina: UFSC, setembro de 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2020v40n3p14> . Acesso em: 07 dez. 2020.
- MELO NETO, João Cabral de. *Antologia poética*. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975.
- TAJES, Cláudia. Os dias em que rimos de nervoso, *Folha de S. Paulo*, 14/11/2019.
- ZILBERBERG, Claude. As condições semióticas da mestiçagem. In: CAÑIZAL, Eduardo Peñuela; CAETANO, Kati Eliana (orgs.). *O olhar à deriva*: mídia, significação e cultura. São Paulo: Annablume, 2004.
- ZILBERBERG, Claude. *Elementos de Semiótica Tensiva*. Trad. Ivã Carlos Lopes, Luiz Tatit e Waldir Bevidas. São Paulo: Ateliê Editorial, 2011.
- ZILBERBERG, Claude. Louvando o acontecimento. *Galáxia*, vol. 13, 2007. p. 13-28.

---

## Lie and humour in Brazilian political discourse

 BARROS, Diana Luz Pessoa de

**Abstract:** Developed in the framework of semiotic studies on veridiction, this paper aims to bring together lying, poetic and humorous discourses in order to deal with the two types of discursive strategies most used in Brazilian political discourses today. They are the strategies of lying discourses and the procedures for humor and poeticity of cartoons, memes and others, disseminated, in both cases, mainly on social networks. Each type of strategy is used preferentially by adherents of different political positions. The extreme right in Brazil employs discourses based on lies more frequently, while the Brazilian left has preferred humor and poetic resources.

**Keywords:** discursive semiotics; veridiction; lying discourse; poetic and humorous discourse; political discourse.

---

### Como citar este artigo

BARROS, Diana Luz Pessoa de. A mentira e o humor no discurso político brasileiro. *Estudos Semióticos* [online]. Volume 17, número 1. Dossiê especial: GT de Semiótica da ANPOLL "Semiótica e vida social". São Paulo, abril de 2021. p. 1-12. Disponível em: <[www.revistas.usp.br/esse](http://www.revistas.usp.br/esse)>. Acesso em: dia/mês/ano.

---

### How to cite this paper

BARROS, Diana Luz Pessoa de. A mentira e o humor no discurso político brasileiro. *Estudos Semióticos* [online]. Vol. 17.1. Special issue: Semiotics Workgroup of ANPOLL "Semiotics and social life". São Paulo, april 2021. p. 1-12. Retrieved from: <[www.revistas.usp.br/esse](http://www.revistas.usp.br/esse)>. Accessed: month/day/year.

---

Data de recebimento do artigo: 31/01/2021.

Data de aprovação do artigo: 12/02/2021.

Este trabalho está disponível sob uma Licença Creative Commons CC BY-NC-SA 4.0.

This work is licensed under a Creative Commons CC BY-NC-SA 4.0 License.

